

LINGUAGENS EM DIÁLOGO NO ENSINO DA CULTURA E DA HISTÓRIA AFRICANAS

Maria Geralda de Miranda (UNISUAM)
mariamiranda@globo.com
Rosenilda Roberto dos Santos (UNISUAM)

1. *Introdução*

Estudos da área de antropologia mostram que os instrumentos de percussão são os mais antigos entre os humanos. Em vários sítios arqueológicos foram encontradas representações de pessoas dançando em volta do tambor. Muitos objetos musicais também foram encontrados como toras de árvore fossilizadas, possivelmente usadas como tambores primitivos. (*PERCUSSIONISTA*, 2013). O som dos instrumentos de percussão é obtido através do impacto, raspagem ou agitação, com ou sem o auxílio de baquetas. Como grande parte deles não é afinada com precisão, eles são utilizados primordialmente com função rítmica, como é o caso da maior parte dos tambores, triângulos e pratos.

Percussão significa ato ou efeito de percutir, bater, choque ou embate entre dois corpos para produzir som. Sabe-se que de troncos e de sementes de árvores, de ossos e peles de animais, de metal e de plástico, de ar e da vibração dos corpos, o gênio humano vem transformando matéria em instrumentos de percussão ao longo de sua história, (*PERCUSSIONISTA*, 2013). Não só na África, mas também na China e na Índia, a presença do tambor, instrumento de percussão por excelência, é marcante em muitas ocasiões, principalmente em festividades e em cerimônias religiosas.

Na África, consoante Chevalier e Gheerbrant (1990), o tambor, entre outras funções, invocam a proteção das divindades. É mesmo considerado o eco sonoro da existência. Há também os tambores de guerra normalmente associados ao raio e ao trovão, mas nas “mais diversas culturas, o tambor aparece entre representações mágicas, ritualísticas, de guerra ou mesmo de festejos”. (*CHEVALIER & GHEERBRANT*, 1990, p. 861).

O tambor, “ngona”, da cultura Bantu / Kongo / Ngola e “ilú”, atabaque

da cultura Nagô Yorubá / Ketú, Djedje (Jeje), Efon, Jingoma (plural de ngo-ma), em trio são provenientes do povo Bantu Tchokwe, mas outras nações da

cultura Bantu como Nkongo, Ngola, Kioko, Shona, Moçambique (Yangana), Zulu, Bemba (Zâmbia), Ajaua (Zimbábue), Lingala (Zaire) e outros faziam uso de quatro ou cinco Jingoma (tambores). Já na cultura Yorubá, se tem registro de até sete tambores /atabaques em uso nas cerimônias para suas divindades. (KIRETAUÁ, 2013)

2. *O tambor em África*

Inicialmente, este trabalho buscará mostrar o modo pelo qual o tambor é representado em duas narrativas curtas africanas contemporâneas como resistência à cultura ocidental cristã, levada para África pelos colonizadores. O aspecto descrito por Chevalier e Gheerbrant (1990 p. 861): "o tambor é o símbolo da arma psicológica que desfaz internamente toda resistência do inimigo", servirá de ponto para pensar sobre os dois textos.

Como assinala Albert Memmi (1985), os processos de colonização são tão violentos em relação à cultura do outro que o colonizado, impotente, em um primeiro momento, acaba assimilando a cultura do colonizador. O colonizado deseja ser o dominador, vive o processo de assimilação, de forma a se projetar no outro. "Convencido da superioridade do colonizador e por ele fascinado, o colonizado, além de se submeter, faz do colonizador seu modelo, procura imitá-lo, coincidir, identificar-se com ele, deixar-se por ele assimilar". (MEMMI, 1985, p. 8).

No segundo momento, ele, o colonizado, quer se afirmar como autóctone resultado de si por si mesmo, nativo e ponto final, sem assimilações, sem imposições e, sim, com vivências e costumes do lugar. De posse dessa consciência, se organiza, luta, faz revolução e se torna independente. Neste processo, no caso das culturas africanas, o tambor passa a ecoar como resistência à opressão, à escravidão e ao trabalho forçado, constituindo-se em símbolo de resistência e porque não dizer de unificação dos africanos em diáspora.

Por meio do ecoar do tambor, que é conforme Chevalier e Gheerbrant, (1990, p. 8610), "a imitação das batidas do coração dos homens e representa o pulsar da própria terra, seu ritmo, seu grito, sua resistência, a voz do homem como ritmo vital de sua alma", a África foi sendo levada para várias partes do planeta por seus filhos, que de lá saíram na condição de escravos. Com estes, o ritmo do tambor, "impresso na alma", foi sendo transmitido e ressignificado em tantos lugares e em tantas ocasiões. O tambor parece comunicar para os africanos e, mesmo para afro-

descendentes, uma espécie de origem, que se iguala à relação com a palavra.

Como ensina Hampâté BA (2003, p. 3), na África tudo fala, tudo simboliza e é simbolizado. Nada é por acaso: “Escuta, diz a África milenar: Tudo fala. Tudo é palavra. Tudo busca transmitir um estado de ser misteriosamente enriquecedor”. Na África tradicional e ágrafa, a palavra, considerada divina faz tudo vibrar (vivificação das forças vitais).

A palavra, primeiro é pensamento, depois é som. O desejo, primeiro é desejo, depois é convertido em som. Logo, a resignação e a busca de afirmação da cultura autóctone passaram também a ser representada por sons. O emblema do tambor, como representação de uma África oprimida que grita por liberdade está presente no sonho da narradora de “A indústria de tambores”, de Dina Salústio, como um elemento primordial de comunicação para os habitantes da cidade, espaço narrativo de reatualização da história: “e o tambor retomaria o seu tan tan, para trazer e levar mensagens”. (SALÚSTIO, 1994, p. 73).

Vale dizer que na vontade da narradora, que escreve em um tempo pós-colonial, o tambor assumiria várias funções na vida da cidade ficcional (localizada em Cabo Verde), principalmente na resolução de problemas jurídicos: Sonhei que o tambor voltaria a ser um complemento “do poder judiciário e (Meu Deus, como sonhei) que cada indivíduo que ofendesse a moral, a sublime nobreza do parceiro, conhecido ou desconhecido, viria para rua atrelado a seu tambor e desdiria nas praças, nas ruas, nos largos, nos becos e avenidas que o houvera dito. “Aí, a horas certas, Ilustre Senhor Diretor, eu sonhei um movimento de gente, tanta gente! Tantanteando o seu tambor: desdigue o que tenho digue, desdigue o que tenho digue sobre fulano ou beltrano.” (SALÚSTIO, 1994, p. 73)

Sonhei um Cabo Verde despertado cada manhazinha pelo som repicado do tambor. Substituindo a horrenda música do programa radiofônico Bom dia Cabo Verde, abafando para sempre a inestética publicidade, rivalizando harmoniosamente com o cantar dos galos, o riso das galinhas, os motores, cachupa na frigideira, trapiches e computadores. (SALÚSTIO, 1994, p. 73)

Sonhei que a tradição seria reposta e o jornal e a rádio não seriam os veículos monopolizadores das gostosas fofocas e mal dizeres e o tambor retomaria o seu tan tan para trazer e levar mensagens, mantenha, recados, avisos, boas novas e também as más, porque infelizmente a vida é assim, senhor diretor. (SALÚSTIO, 1994, p. 73)

Pode-se observar, a partir da leitura destes fragmentos, que o sonho da narradora em resgatar a cultura do tambor revela o seu “anseio

autóctone” de valorizar os costumes de um tempo passado em que o tambor funcionava como meio de comunicação e era componente simbólico primordial na administração da justiça. Como a narrativa vai sendo organizada a partir de um sonho relatado (em que tem lugar o parecer da autoridade pública, que recebeu o requerimento sobre a importância do fabrico de tambores para a economia de Cabo Verde) é importante citar o fragmento que traz o parecer do funcionário:

Baseando-me em pesquisas antropológicas, sociais, históricas, políticas, repito, políticas, informo que ‘desdigue o que tenho digue’ foi costume, num passado não longínquo na Ilha do requerente, usado para punir os mentirosos, os faltosos da verdade, os intriguistas, os vendedores, melhor os rabadantes [fofoqueiras] da vida alheia, com resultados espantosos na resolução dos conflitos comunitários, ou melhor, falando de riolas [intrigas, mexericos]. (SALÚSTIO, 1994, p.73)

Vê-se que a linguagem do tambor não é apenas destinada aos ouvidos. É uma língua sem grafia, dotada de ritmo que solicita respostas, e que está presente nas cenas importantes da vida: na morte e na vida, na batalha e nas cerimônias religiosas, mas que Dina Salústio buscou colocar em palavras por meio da narrativa. Conforme Bourdier,

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. (BOURDIER, 1999, p. 215).

No conto "Chigubo", de José Craveirinha, verifica-se outros aspectos culturais importantes referentes ao som do tambor, com destaque para a alegria da dança, que por meio do ritmo do chigubo une as pessoas em África.

África dança e vive ao som do chigubo. África dança e o mundo está suspenso nos olhos dos homens palpantes nas promessas latentes. (...) Promessas de machos. (...) e o chigubo soa como voz de gente. Mas voz de gente forte e zangada. (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76).

A dança, atrelada ao movimento que o som do tambor alimenta, está presente neste fragmento como ritual coletivo, grupal, mágico e, sobretudo, aglutinador. É como se quisesse suspender e/ou esquecer as injustiças vividas na África pelos africanos num diálogo criador, buscado na tradição milenar de deixar-se embalar pelo som do tambor, que tem tantos significados, como bem mostrou Dina Salústio. O “chigugo” em Craveirinha dá o ritmo da dança e faz com que os homens e mulheres e crianças se misturam com a terra: “Os negros dançam, mulheres mexem

os quadris, os olhos dos homens estão cheios de promessas de coisas que ninguém pode falar, é para saber quando é tempo, quando é dia de falar”. (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76).

A tarde estava inteiramente fundida em sons. Sons fortes implorando, chamando. Sons da vida. (...) O sol e a pele esticada dos tambores. Chigubo! Chigubo! (...) O som escorria na tarde morna (...) o som e o suor das caras dos homens no meio do batuque. (...) Caravanas de marfim passavam na voz de negro Armando, os seus braços eram mambas espantadas de dor e inquietação. (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76).

Há a humanização (personificação) do tambor que sangra ao produzir som e a aglutinação da terra com o corpo dos homens e mulheres que dançam. “O chigubo soa. São dois e as suas vozes casam-se na atmosfera, transformada pelos sons.” (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76). Os pés batem na terra, saem dela, entram, afundam-se aos tornozelos adornados de sisal. “A terra treme, a areia salta, o suor escorre, as peles brilham e a voz do chigubo soa. São dois e o sangue à volta é do chigubo. Os pés batem e o ritmo é banguê, o sangue esquece e só a dança fica.” (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76).

3. O tambor no Brasil

O tambor africano também atravessou o Atlântico e chegou ao Brasil, e se constituiu como uma das diversas heranças oriundas da diáspora negra: os escravos africanos trouxeram para o Brasil, ainda no século XVI, as suas danças, aqui englobadas na designação geral de batuque, que vários estudiosos da cultura brasileira preferiam chamar de “samba”.

Foram mais de 300 anos de tráfico negreiro, de modo que o tambor está presente em várias dimensões de nossa cultura brasileira (heterogênea e alegre), sobretudo na dança, na música e nas religiões de origem africana. Von Simson (2008) observa que o nome samba, de início, designava cada uma das danças populares derivadas do batuque africano. Foi o batuque que, na verdade, resistiu à tentativa de homogeneização da cultura nacional nos moldes do colonizador português, e acabou se misturando com outros ritmos, que juntos formaram a nossa música popular, aí obviamente incluído o samba.

Mas o tambor, instrumento emblemático que motivou a escrita do presente trabalho, foi homenageado pela escola de samba Salgueiro, no ano de 2009, cuja letra sintetiza a importância do “batuque, da magia e

do axé”, no carnaval carioca, uma significativa e expressiva manifestação cultural brasileira.

O som do meu tambor ecoa... Ecoa pelo ar!
 E faz o meu coração com emoção... Pulsar!
 Invade a alma... Alucina
 É vida, força e vibração! Vai meu Salgueiro... Salgueiro
 Esquenta o couro da paixão!
 Ressoou da natureza... Primitiva comunicação!
 Da África... Dos nossos ancestrais
 Dos deuses... Nos toques rituais
 Nas civilizações... Cultura
 Arte, mito, crença e cura!
 Tem batuque... Tem magia... Tem axé!
 O poder que contagia... Quem tem fé!

(SANTIAGO *et alii*, 2009)

Como se observa, o samba enredo da escola de samba Salgueiro busca a representação do tambor na tradição africana e o resgata como símbolo de

Primitiva comunicação!
 Da África... Dos nossos ancestrais
 Dos deuses... Nos toques rituais
 Nas civilizações... Cultura
 Arte, mito, crença e cura!

E como os outros dois textos o “Tambor” do Salgueiro remete à cultura africana que resiste reinventada por todos os países da diáspora, sendo o Brasil um destes lugares de reinvenção.

É consenso entre estudiosos que a origem plausível da palavra samba esteja no desdobramento ou na evolução do vocábulo "semba", que significa umbigo em quimbundo²⁷. Estes estudiosos também acreditam que a dança teria antecedido a música, pois do centro de um círculo e ao som de objetos de percussão e palmas e coro o dançarino em requiebro e volteios, dava uma umbigada num outro companheiro a fim de convidá-lo a dançar, sendo substituído então por esse participante.

No conto “A indústria de tambores”, o mencionado instrumento é também símbolo de desenvolvimento da nacionalidade cabo verdiana, já que o narrador deseja implantar o FAT (Fabrico Acelerado de Tambores) com a finalidade tirar o país da pobreza. Com a sua indústria de tambores, a narradora, além de desenvolver o país, deseja preservar a tradição,

²⁷ Uma das línguas de Angola.

enaltecendo, por meio do tambor, os costumes ancestrais. O tambor em sua proposta servirá para resgatar a tradição que vem sendo abafada pela cultura trazida do ocidente, que também substitui o som repicado dos tambores, pela horrenda música do programa radiofônico.

Na narrativa do autor moçambicano José Craveirinha, o tambor, o batuque, a dança e a terra se complementam e faz o povo dançar, cantar e amar ao som que ele produz. Trata-se de um ritual em que as palavras, os gestos e os corpos ficam entregues à magia do som:

Os corpos delas agitavam-se em modelos de movimento. Voluptuosamente. (...) Da cintura para baixo a vida revolta-se e freme na carne e transforma-se em ritmo. (...) A terra treme, a areia salta, o suor escorre, as peles brilham e a voz do chigubo soa. (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76).

O que está em Craveirinha lembra o que está no samba enredo do Salgueiro:

Na ginga do corpo... Emana alegria
Desperta toda energia!
No folclore a herança
No canto, na dança... É festa... É popular!
Seu ritmo encanta, envolve, levanta...
E o povo quer dançar!

(SANTIAGO *et alii*, 2009)

O samba, ao homenagear o tambor, traz também para o contexto político da atualidade não apenas a discussão sobre a herança cultural reavivada nas escolas de samba pelos diversos tipos de tambores, mas permite também refletir que os africanos que aqui chegaram pelo mar de “kalunga”, em indignos navios negreiros, por muitos e muitos anos foram presos e perseguidos por não desistirem do batuque e não renegarem as suas origens.

É de lata, é da comunidade,
Batidas que fascinam
Esperança... Social, transforma... Ensina!
Ao mundo seu um toque especial
É show... É samba... É carnaval!
Vem no tambor da Academia
Que a furiosa bateria... Vai te arrepiar!
Repique, tamborim, surdo, caixa e pandeiro,
Salve os mestres do Salgueiro!

(SANTIAGO *et alii*, 2009)

O espetáculo das escolas de samba no Rio de Janeiro deve ao batuque africano que também em diáspora e não tendo espaço na cidade (no lócus

urbanizado) para se manifestar, subiu o morro e lá permanece. Mas não resta dúvida de que do morro, ele contagiou e continua contagiando o asfalto, porque de sua “matriz africana” continua surgindo outros ritmos e compassos. Estamos falando do samba, mas sabemos que há tantas outras formas de continuidade do batuque como o jongo e o próprio funk.

4. Conclusão

Não há dúvidas de que o tambor, instrumento de percussão emblemático, passeia por entre histórias dos três textos aqui discutidos, e que mesmo cada um deles abordando um aspecto diferente da cultura proporcionado pelo tambor, as histórias²⁸ tem muitos pontos em diálogo e em complementaridade. Dina Salústio, vê o instrumento como metáfora da justiça e da comunicação autóctone, porque deseja um Cabo Verde livre de alguns bens simbólicos levados pelo colonizador.

Com José Craveirinha, podem-se verificar aspectos centrais da cultura africana entrelaçados pelo instrumento: o batuque (a dança), a música e a terra, o que mostra a harmonia das coisas, mesmo quando “o chigubo soa como voz de gente. Mas voz de gente forte e zangada”. (CRAVEIRINHA, 1997, p. 76). Há mesmo uma simbiose do tambor com as pessoas. O “chigubo” sangra: “são dois e o sangue à volta é do chigubo” (*Idem, Ibidem*) e “soa como voz de gente”. (*Idem, Ibidem*). Disto se pode inferir que ele é mais que uma representação, está na natureza, na pele e alma dos africanos.

O samba enredo do Salgueiro, “Tambor”, também comunica a força e a representação ancestral do tambor. Como o “chigubo” de Craveirinha “desperta a ginga do corpo” e a explosão na avenida em forma de espetáculo. Espetáculo regido pela sua batida, no formato de caixas, atabaques ou tamborins. Pode ser também “de lata, da comunidade/ Batidas que fascinam / Esperança... Social, transforma... Ensina!” (SANTILAGO *et alii*, 2009). E a cada ano, como a narradora de Dina Salústio, o povo da comunidade, ao som do tambor, sonha por dias melhores.

²⁸ Mesmo sabendo que um dos textos objetos do trabalho é uma letra do samba enredo, entendemos que ela conta uma história, mesmo sem ser tipologicamente um texto narrativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei Federal 10.639/2003*, que altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 29-08-2010.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1990.

CRAVEIRINHA, José. Chigubo. In: SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. *Apostila de prosa das cinco literaturas de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

HAMPÂTÉ BA, Amadou. Palavra africana. In: *O Correio da UNESCO*. Paris; Rio de Janeiro, vol. 11, n. 16-20, ano 21, nov. 1993, p. 3.

KIRETAUÃ, Tata. *Cultura e tradição kongo-ngola-bantu*. Disponível em: <<http://tatakiretaua.blogspot.com.br/2009/02/jingoma-tambores.html>>. Acesso em: 24-07-2013.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

PERCUSSIONISTA. Disponível em:

<<http://www.percussionista.com.br/percussao.html>>. Acesso em: 24-07-2013.

SALÚSTIO, Dina. A indústria de tambores. In: SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. *Apostila de prosa das cinco literaturas de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SANTIAGO, Moisés *et alii*. Tambor. *Samba-enredo do salgueiro 2009*. Rio de Janeiro: Salgueiro, 2009. Disponível em: <<http://letras.mus.br/salgueiro-rj/1355957>>.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *O samba paulista e suas histórias*. Campinas: Centro de Memória/UNICAMP, 2008.